

Feira Cultural e do Afroempreendedorismo: Uma etnografia das relações entre economia feminina e resistência negra em Curitiba¹

Suelen Karini Almeida de Matos - UFPR²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo trazer um panorama sobre a formação do afroempreendedorismo feminino na cidade de Curitiba a partir da Feira Cultural e do Afroempreendedorismo que é um evento que acontece mensalmente na cidade. Esse resumo procura contemplar brevemente minha pesquisa de mestrado em antropologia concluída em agosto de 2021. O evento que acontece na Praça Zumbi dos Palmares, localizada no bairro pinheirinho, região periférica de Curitiba e é promovido e organizado pelo Instituto Afro-Brasil, órgão fundado em 1996 e que hoje é comandado apenas por mulheres negras. A presença delas na feira é bem forte, tanto que minha dissertação possui um recorte interseccional para pensar essa atuação feminina e formação política. Nesse artigo, me detive em trazer uma breve descrição da história do Instituto, praça e feira desde o início, com a finalidade de trazer com força o cenário a ser estudado. Por fim, trago algumas breves discussões sobre racismo estrutural burocracias do Estado e a feira como espaço de formação política das mulheres.

Introdução

O Instituto Afro-Brasil do Paraná, surgiu em abril de 1996, sob o comando de um grupo de homens negros da militância local que tinham como objetivo trabalhar, de forma conjunta e organizada, no fomento da cultura africana e afro-brasileira em Curitiba, dentre eles estavam médicos, engenheiros e professores. Com o passar dos anos, esses homens foram atingindo idades avançadas, criando assim, um desejo de passar o Instituto para uma outra chapa que pudesse dar continuidade aos trabalhos. Will Amaral, uma de minhas interlocutoras, era conhecida deste grupo, pois um deles era seu tio, que também era pai de Márcia, outra interlocutora, o senhor Máximo Francisco dos Reis. Outros nomes que estavam presentes no corpo do Instituto eram o Dr. Nizan, que foi secretário de saúde de Curitiba e o Coronel Sidney Santos, um dos fundadores da Universidade Tuiuti do Paraná. Os encontros aconteciam semanalmente na casa de Máximo, que ficava

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Doutoranda em antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia e Arqueologia pela Universidade Federal do Paraná (PPGAA-UFPR).

localizada no bairro Água Verde, em Curitiba, pois existia uma dificuldade em conseguir estabelecer uma sede física para que os encontros acontecessem.

No final dos anos 90, mesmo após tantas realizações, o Instituto dá uma pausa em seus trabalhos sendo retomado em 2017 com uma outra formação, Will assume a presidência e atribui aos principais cargos suas 3 primas, mulheres negras: Márcia, Maureen e Regina, e sua cunhada, Clay. A chapa denominada “Renovação e Empoderamento”, tem como um dos objetivos de trabalho de fazer com que os eventos coordenados e organizados por mulheres negras, pois seu desejo sempre foi de dar voz e espaço para esse grupo de atores sociais que são tão marginalizados e o poder nas tomadas de decisões de um evento tão importante para o movimento negro local.

Agora sobre a construção da praça, ao contrário do que muitos pensam, inclusive eu pensava no início de minha pesquisa, a Praça Zumbi dos Palmares não foi inaugurada em 1991, mas sim em 1988. Em 1991, durante o governo Jaime Lerner (1990-1993), o espaço passou por sua primeira reforma, recebendo um anfiteatro. A praça possui uma história muito emblemática que é cercada de disputas e interesses políticos. Essa construção se deu por conta de um projeto de arquitetura e urbanismo que se instaurou em Curitiba durante a década de 80, é neste período que praças e parques surgem homenageando povos que participaram da construção da cidade. Segundo Tatiane Valéria Rogério de Carvalho (2016), autora de um artigo sobre “O Esquecimento das Marcas da Presença Negra em Curitiba”, esse planejamento foi construído diante de interesses da elite curitibana, ordenando “(...)o espaço urbano e seus habitantes, ou seja, ordenar o que estava fora do lugar. Essa ideia de organização proposta pela elite e pelos políticos teria, assim, o intuito de forjar o imaginário urbano” (CARVALHO. 2016, p. 90). Ou seja, organizando os bairros e colocando essas praças e parques nestes espaços, estava se legitimando o lugar que alguns grupos deveriam frequentar e ficar.

Com esse projeto de construção de espaços que homenageiam povos, mas que também legitimam quais são os territórios destinados para alguns grupos em Curitiba, surge a Praça Zumbi dos Palmares, localizada no bairro Pinheirinho, fora da então rota turística curitibana, mas que é próxima ao terminal de ônibus. Segundo Mário SANCHES (1995, p. 36), em sua dissertação sobre a invisibilidade do negro em Curitiba, a construção da praça surgiu “(...) no contexto das instalações de equipamentos urbanos durante o tricentenário, homenagearia os negros de Curitiba”.

Passeando pela feira

A feira tem seu início em um sarau. Em 2015, Will foi convidada por um importante integrante do movimento negro local para tomar a frente da organização do Sarau Afro-curitibaño, após duas edições de muito sucesso, ela resolveu criar uma feira focada na cultura e no afroempreendedorismo. Assim surgiu a “Feira Afro Familiar” que começou a ser realizada no salão de festas do prédio onde vivia no bairro Guaira e apenas para convidados. Com o passar do tempo Will percebeu que era o momento de buscar um lugar que fosse maior, mas que também trouxesse uma visibilidade e representatividade e foi assim, segundo ela, que surgiu a ideia de levar a feira para a Praça Zumbi dos Palmares por parte de Márcia. Naquele mesmo mês, ela recebeu uma ligação de uma conhecida onde conversou sobre a possibilidade de ocupar este espaço que estava abandonado. Foi então, que em julho de 2017, a “Feira

Cultural do Afroempreendedorismo nasceu com a finalidade de evidenciar a produção de bens e serviços de pessoas negras, fazendo girar uma economia denominada movimento *black money*, além de enaltecer a produção cultural de artistas negros locais, afinal, além dos empreendedores, a feira conta com apresentações artísticas e culturais em todas as suas edições. Nas feiras são ofertados diversos produtos e serviços, dentre eles estão a venda de roupas e acessórios, todos com agenciamento da estética negra.

As peças são feitas de tecidos de origem africana, as chamadas capulanas de Moçambique, inclusive uma das afroempreendedoras é uma mulher cujo marido é africano e traz peças e cortes de tecidos direito da África. Outros tipos de vestuário comercializados são camisetas com escritas políticas, frases de efeito como “não é falta de pente, é excesso de atitude”, fazendo referência a forma como a sociedade enxerga o cabelo crespo, também é possível encontrar peças com imagens de silhuetas de mulheres negras e cores bem vibrantes, por fim, também é possível encontrar um brechó no local. Os acessórios vendidos são produzidos pelas próprias artesãs, utilizando resíduos de tecidos africanos e MDF com frases de militância e turbantes. A venda de roupas e acessórios é o grande carro chefe da feira, seguido por objetos de decoração, como imagens de orixás em gesso, bonecas negras de pano e feltro, garrafas de vidro pintadas a mão com imagens que remetem à fauna e flora africana e silhueta de mulheres negras. Por fim, também são comercializados alimentos no local, mas não para consumo imediato, apenas pães, bolos e bolachas, me recordo de ver apenas uma barraca

comercializando esses tipos de produtos. Em apenas uma edição observei a presença de uma trancista que ofertava o serviço de tranças simples para serem feitas na hora.

São dispostas cerca de 10 barracas, mas já chegaram a expor cerca de 16, sendo que em algumas delas são expostas mais de uma marca. Em um grupo do *whatsapp* onde os afroempreendedores e as coordenadoras da feira utilizam para se comunicar, Will me informa que estão presentes 36 pessoas, mas nem todos iam em todas as edições de feira, sendo a maioria composta por mulheres pretas, afinal, “o nosso mote é chamar a mulher ... assim, mulher preta, homem preto e outros ... e outros ... eles tem toda liberdade de vir desde que essa pessoa não negra seja uma pessoa que apresente um produto voltado a nossa cultura, voltado a população negra.” (Will Amaral, 2019). As mulheres nunca estavam sozinhas, nas barracas ficavam com outras mulheres negras, como filhas, irmãs, primas, em poucos casos haviam homens junto, como filhos e maridos.

É possível ver que em algumas barracas existem cadeiras de praia e banquinhos, em todas as edições que fui, me deparei com os feirantes e seus familiares sentados ao redor das barracas, alguns levam até caixas de cerveja. A sensação que tive foi de o evento ser uma extensão do almoço de família de domingo, até que na edição do mês de dezembro minha suposição se tornou real, pois um churrasco das famílias pretas foi realizado durante o evento. Essa sensação é reforçada quando olhamos para toda a trajetória do Instituto Afro-Brasil, Praça Zumbi dos Palmares e feira, é nítido o quanto essas pessoas vão se “aquilombando”, tanto num sentido espacial quanto num sentido simbólico, onde os lucros acabam sendo deixados em segundo plano e a ocupação e resistência se tornam prioridade nesta luta.

A presença de homens brancos era mínima, tanto expondo quanto participando do evento como visitante ou telespectadores das apresentações, percebi, nas cinco edições que acompanhei, que este espaço estava sendo ocupado, principalmente, por mulheres negras. Mesmo com três anos de existência, a feira passou e passa por dificuldades burocráticas por conta do racismo que permeia o sistema. Márcia relata as dificuldades encontradas pelo caminho para que a feira fosse levada para a praça, além de toda documentação, exigências foram feitas com a intenção de criar barreiras para que o evento não acontecesse, um fato marcante foi em relação a venda de alimentos no espaço, onde em todas a feiras de Curitiba, incluindo a maior delas que é a Feira do Largo da Ordem, a venda de alimentos para consumo imediato é liberada enquanto que na Feira do

Afroempreendedor o mesmo não acontece. Márcia relata o quanto isso ainda é algo que toda a organização luta constantemente para mudar e como se sente ao perceber, segundo ela, que essa situação é fruto da discriminação e preconceito presentes na cidade, que vê o alimento produzido por pessoas negras como perigoso e nocivo à saúde da população.

A feira acontece um domingo por mês, das 14h até às 18h. Nas cinco edições que acompanhei, cheguei por volta das 14h, teve apenas uma vez em que a estrutura física não estava completamente montada e haviam alguns empreendedores que ainda não haviam chegado e artistas que se atrasaram. Normalmente, o evento se inicia com uma fala sobre o tema da feira daquele mês e sobre os objetivos da existência do evento feita por uma das principais representantes do Instituto Afro, são elas, Will Amaral, Maureen Reis e Márcia Reis. As três revezam as falas em diversos momentos durante toda programação da tarde, as apresentações acontecem, com intervalos entre elas que levam de 15 min à 30 min, em algumas edições foram realizados sorteios onde houve interação com o público que estava assistindo, aconteceram homenagens e apresentações que levantavam debates políticos e sociais.

“Aquilombar-se” e a formação política das mulheres ne feira

O conceito denominado de “quilombismo” tem sido muito usado por diversos movimentos militantes da atualidade. É comum escutar falas como “aquilombe-se” ou “vamos nos aquilombar”, mas antes de falar sobre o que ele representa, é importante pontuar sua origem, se constituído assim, em (...) uma importante tecnologia social de resistência que promove o “estar junto” para ampliar e potencializar saberes, cultura, identidade e histórias ancestrais. Aquilombar-se é, para os negros, um jeito de ser no mundo (BATISTA, 2019, p.399).

Diante do movimento de resistência dos descendentes quilombolas, surge o termo “Quilombismo”. Para Abdias NASCIMENTO (2019), o conceito nasce a partir de uma espécie de prática de libertação da população afrodescendente, onde espaços e redes de conexão são criados pela população negra com diversas finalidades. Ainda, segundo ele,

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso, que facilitava sua defesa e organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organização permitidos ou tolerados, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas),

recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente, todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da comunidade africana. Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei, erguem-se os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os "ilegais" foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica. (NASCIMENTO, 2019, p. 252).

Os feirantes que participam dessa feira também estão presentes em outros espaços locais, isso faz com que exista uma ponte de comunicação entre eles, criando uma rede de afroempreendedores. Assim, percebe-se que existem pontos que conectam os afroempreendedores e empreendedores étnicos na cidade, pelo menos aqueles que expõem em feiras, pois existem alguns profissionais que possuem seus próprios espaços ou comercializam seus produtos exclusivamente pelas redes sociais. Essa organização composta por afrodescendentes é defendida dentro do conceito de quilombismo trabalhado por NASCIMENTO (2019), junto com a conscientização, como instrumentos fundamentais para a execução deste projeto emancipatório de um coletivo.

Então, o quilombismo, como utopia aplicada neste contexto no qual estamos trabalhando, pois não se diz respeito a um quilombo de forma literal, mas como um posicionamento político de resistência e união entre pessoas negras em Curitiba, é possível identificar pressupostos que fazem existir essa identificação e simbologia que o conceito trabalha, como finalidade de se constituir como um processo

(...) dinâmico na estratégia e na tática de sobrevivência e progresso das comunidades de origem africana. Com efeito, o quilombismo tem se revelado fator capaz de mobilizar disciplinadamente o povo afrobrasileiro por causa do profundo apelo psicossocial cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência dos afro-brasileiros. (NASCIMENTO, 2019, p. 252).

Essa estratégia de sobrevivência é se torna nítida quando se observa a feira se constituindo. Desde de sua ida para a Praça Zumbi dos Palmares, o evento tem que conviver com ausência de investimentos por parte do estado, além das dificuldades impostas através de exigências governamentais para que a feira aconteça. A feira já passou por diversas dificuldades para garantir sua existência, afinal existem as pessoas que realmente estão ali por militância, mas também existem aquelas que precisam daquela verba para garantir sua subsistência. Diante disso, é possível perceber uma

mobilização por parte, tanto do Instituto, quanto dos afroempreendedores, em manter a feira firme e forte. No fim do ano de 2019, a feira estava passando por dificuldades financeiras, o edital pelo qual a organização normalmente se inscreve para arrecadação de verbas não abriu e a feira corria o risco de não acontecer em 2020. Sendo assim, for proposto criar uma “vakinha” online, que é basicamente um site que busca angariar fundos da população para execução de projetos, mas o resultado não foi como o esperado, em paralelo a isso, a pandemia por conta da COVID-19 deixou as coisas um pouco mais complicadas, mas mesmo assim, ao feirantes tem se organizando para se promoverem via internet, já o Instituto tem trabalhado como suporte para aqueles afroempreendedores que possuem mais dificuldades financeiras, através da distribuição de cestas básicas.

A união entre feirantes e organização sempre foi uma das coisas que mais me chamou atenção desde o primeiro momento em que estive na feira, é visível perceber que não existe hierarquias dentro daquele espaço, por mais que existam pessoas que estão, de certa forma, a frente da organização, as tomadas de decisões são em conjunto.

A feira inicia a partir de relações de parentesco consanguíneo, já que as organizadoras são todas da mesma família, se estendendo posteriormente, com a chegada de outras pessoas, que no início já eram conhecidos da família. O núcleo com aspecto familiar vai crescendo, mantendo a ideia de (...) garantir ao povo trabalhador negro o seu lugar na hierarquia de Poder e Decisão, mantendo a sua integridade etno-cultural, é a motivação básica do quilombismo (NACIMENTO, 2019, p. 268), isso faz com que, tanto as pessoas negras possam (...) olhar para o passado de forma a ter orgulho do que representa a luta quilombola e ressignificar esse passado. Neles, que se autodenominam espaços quilombolas, impera a liberdade e o respeito pelos negros, por sua cultura, história e memória (BATISTA, 2019, p. 414). Os afroempreendedores vão se constituindo assim, em um grande núcleo relacional e forte, formando um aquilombamento de pessoas que trabalham juntas em prol de sua mobilidade social.

A partir desse processo, podemos entrar em um campo onde percebemos a agência da etnicidade, na qual se constitui, pois, é “(...) o ponto crucial tornava-se a “fronteira étnica” que define o grupo e não o material cultural” (SCHWARTZ, 2012, p. 295). A identidade atemporal, neste caso, resistindo ao tempo e às distâncias, se conectando com o outro lado do oceano. E assim, as diferenças se formam, pois “(...) a identidade é formada pela tomada de consciência das diferenças e não das diferenças em si” (SCHWARTZ, 2012, p. 296).

A partir deste encontro entre as afroempreendedoras, organização e outras pessoas negras que convivem neste espaço que é a feira, percebemos os elementos, não somente estéticos, como vestuário, cabelos e acessórios, mas também a forma como pensam, pelo que lutam e o que acreditam. Esse movimento de mulheres negras atua na construção de novos espaços “(...) de forma árdua na sociedade, nas classes pobres, nos coletivos organizados, na juventude periférica, estudantil e trabalhadora, onde as negras são maioria (...)” (RIBEIRO, 2018, p. 144), mas é preciso que se consiga alcançar espaços de maior visibilidade para que as mudanças necessárias aconteçam de fato. Todos esses elementos em diálogo contribuem para a formação da etnicidade do grupo ao qual estamos trabalhando.

Esses elementos que são reforçados edição após edição de feira, começando pelos discursos de cunho político ditos por Will e Márcia em toda abertura, passando pelas atividades culturais propostas por artistas negros, músicas tocadas durante o evento, todos esses elementos podem ser entendidos como parte dos sinais manifesto e dos valores fundamentais que constituem esse grupo dos afroempreendedores da Praça Zumbi dos Palmares. Diante disso, se cria uma identificação, tanto entre eles, quanto para o exterior do espaço da praça, e quando pensamos o interior da praça, não se pode esquecer das interações com os empreendedores étnicos dentro deste campo, que seriam as pessoas não negras que também expõem na feira e os frequentadores brancos, que podem ser poucos, mas que existem.

O Instituto atua como uma entidade organizacional criando um “(...)conjunto sistemático de regras que governam os encontros sociais inter étnicos” (BARTH, 2000, p. 35), demarcando seus traços de distinção, entre organizadoras, empreendedores, artistas, etc., criando assim uma sistematização do espaço ao qual a feira acontece, reverberando na afirmação étnica desse coletivo. Essa ação também interfere nas relações e negociações inter étnicas que são estáveis, pois

(...) pressupõe precisamente esse tipo de estrutura de interação: um conjunto de prescrições que governam as situações de contato e permitem uma articulação em alguns setores ou domínios de atividade específicos e em conjunto de interdições ou proscricões com relação a determinadas situações sociais, de modo a evitar interações interétnicas em outros setores; com isso, partes das culturas são protegidas da confrontação e da modificação. (BARTH, 2000, p. 35).

Existe uma consciência por parte dos participantes brancos diante do cenário da feira, onde eles trabalham a partir do seu lugar, se questionado sobre seus privilégios e trabalhando em conjunto, em prol dos ideais construídos pelo Instituto e afroempreendedores. Havendo conformidade quanto a essas prescrições, a concordância

das pessoas quanto a códigos e valores não precisa estender-se para além daquilo que é relevante para aquelas situações sociais nas quais elas interagem. (BARTH, 2000, p. 35), sendo assim

Os grupos étnicos não são apenas ou necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos; e as diferentes maneiras através das quais eles são mantidos, não só as formas de recrutamento definitivo como também os modos de expressão e validação contínuas. Devem ser analisadas. (BARTH, 2000, p. 34).

A partir desse encontro é possível perceber a construção da etnicidade, não somente dos afroempreendedores, mas de todas as pessoas negras e não negras que participam deste evento. Todos eles contribuem para a organização do sistema de pensamento do grupo, que obviamente não representa todos os negros de Curitiba, muito menos do Brasil, mas se representam enquanto um grupo que luta contra o racismo que atinge todos os negros da cidade e país.

Esse fato foi percebido não só no Brasil, mas também em outras regiões da África. Esse fenômeno foi notado em diversos lugares do mundo, onde as ações acontecem internamente em grupos, principalmente relações econômicas e de cunho comercial e isso fez com que se redescobrisse o que

(...) Max Weber havia escrito há bastante tempo: de que as comunidades étnicas podiam se formar em organizações eficientes para resistência ou conquista de espaços, em suma, que eram formas de organização política. Descobriu-se que a etnicidade podia ser uma linguagem. (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p. 237).

É impossível ignorarmos a força política que a feira possui dentro da agenda de luta do movimento negro curitibano. Também é possível perceber como essa organização vai aos poucos ocupando um espaço tão importante na cidade, trabalhando sua ancestralidade, história e estética como fundamentais em sua formação enquanto indivíduos e enquanto coletivo. As ações políticas propostas pela feira e suas organizadoras estão tomando espaço para além das barreiras da praça, chegando até a câmara de vereadores, pois, só assim é possível que se comece uma negociação com as forças do Estado e suas dificuldades impostas. Essas ações que podem ser entendidas como parte da formação da etnicidade do coletivo negro, afinal,

A definição das fronteiras étnicas, ou seja, quando a cultura negra se torna etnicidade negra também pode ocorrer numa variedade de maneiras e é amplamente relacionada às contingências. (SANSONE, 1991, P. 127).

Essa instabilidade que o Estado e o sistema burocrático colocam, principalmente para as mulheres negras, faz com que se crie a necessidade de posicionamento por parte delas dentro deste cenário. As práticas burocráticas são criadas para legitimar alguns grupos sociais, não de forma direta, mas com lacunas que contribuem para que esse

mecanismo continue em pleno funcionamento, como as imposições feitas para a realização dos eventos da cultura negra, entre outros que iremos debater daqui a pouco. Essas ações fazem com que exista uma reafirmação “(...) da submissão requerida das pessoas a código de leis claramente definidos, sugerindo ao mesmo tempo a necessidade de aplacar os seus cobradores locais. Aqueles que desobedecem “são tratados como lixo””. (HERZFELD, 2012, p. 43).

Afroempreender e empoderar

A feira é um espaço que transforma a vida das mulheres negras que ali estão, afinal, mais do que empreender, a feira age como uma rede de mulheres. Ali são debatidas questões relacionadas ao racismo e machismo do cotidiano, iniciando um processo de empoderamento, afinal, estar na feira faz com que elas aprendem a valorizar, não só monetariamente quanto simbolicamente seus produtos, faz com que esse grupo de afroempreendedoras passem pelos “(...) estágios da autoafirmação, autovalorização e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente, de um entendimento quanto a sua posição social e política (...)” (BERTH, 2019, p. 21).

O empoderamento traz uma tomada de consciência, partindo do prefixo “auto”, pois quanto ao âmbito individual, “ (...) é uma auto emancipação, fundada numa compreensão individualista de empoderamento, que enfatiza a dimensão psicossocial” (BAQUERO, 2012, p. 177), pois o indivíduo começa a olhar de forma mais crítica para o sistema pelo qual se está inserido. No que diz respeito a grupo social de mulheres negras, esse movimento tem crescido cada vez mais. BERTH (2019) traz uma precisão cirúrgica a respeito do tema, quando intersecciona com o conceito de afroempreendedorismo dizendo como essa modalidade de negócio tem como produto a criação de um sistema econômico, o movimento *black money*, que “(...) diz respeito ao potencial consumerista do capital negro, de alto e real valor que o dinheiro do negro possui na economia (SANTOS, 2019, p. 71), atuando como “ (...) fortalecimento social” (BERTH, 2019, p. 74). Esse fortalecimento traz uma sensação de alcance ao status social operante dentro do sistema capitalista, mas é importante observar que o que os afroempreendedores criam se mostra ser um sistema adverso ao capitalista, ou seja, quando a pessoa negra almeja essa ascensão social por meio do afroempreendedorismo, ela não se dá da mesma forma que para a pessoa branca. Assim, o afroempreendedorismo

fala sobre ascensão social e mobilidade através da ótica do empoderamento, articulando a mudança de status dentro da sociedade na qual esse grupo está inserido.

A ascensão social dos escuros como indivíduos é frequente e fácil de verificar. Como grupo, no entanto, as pessoas de cor vêm acendendo mais dificultosamente. Basta comparar as proporções em que os diversos tipos físicos se encontram na população total da Bahia e nos grupos e organizações que simbolizam a “classe alta”. (AZEVEDO, 1955, p. 195 -196).

Pensando um pouco além do status atribuído apenas em relação com a mobilidade de classe social, também é interessante trabalhar com o conceito em diálogo com a formação da mulher negra como status de sujeito através do afroempreendedorismo. O racismo em diálogo com machismo opera de forma assídua tirando da mulher negra como sujeita dentro da sociedade, sendo assim, “(...) uma pessoa alcança o status completo de sujeito quando ela, em seu contexto social, é reconhecida em todos os três diferentes níveis e quando se identifica e se considera reconhecida como tal” (KILOMBA, 2019, p. 74). Esse papel do sujeito parte de um lugar substancial, mas ainda sim relacional, podendo ser articulado em espaços distintos, como no caso em que estamos trabalhando aqui. Vejo a relação desse status dentro do sistema capitalista que acontece de forma tímida, mas que ao mesmo tempo, percebo esse fenômeno dentro do espaço intra da feira, onde as afroempreendedoras passam por todo esse processo de transformação alcançando essa modalidade de status a partir deste lugar, onde, de certa forma, mais fechado, criando potência suficiente para, junto com todo coletivo negro, alcançar esse lugar de sujeitas de forma mais ampla.

Mesmo existindo essa dificuldade estrutural da ascensão social da mulher negra diante do sistema capitalista, ou, como define brilhantemente antropóloga Lélia Gonzalez, capitalismo patriarcal que constrói a imagem das mulheres negras amefricanas como “(...) corpos animalizados” (GONZALÉZ, 2011, p. 10), os conceitos teóricos e práticos do feminismo negro contribuem para a luta e ocupação de território, tanto das afroempreendedoras, quanto das próprias organizadoras da feira. “Quando buscamos a teoria interseccional como ferramenta política de resistência, ela nos mostra para além do feminismo na diferença, mas pensar “encruzilhadas identitárias”” (AKOTIRENE, 2019) como marcadores de aproximação e força. Assim, pensar que “(...) na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplex discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho” (GONZALÉZ, 1982, p. 96). A partir disso, ir para além do lugar de opressão, mas trabalhar como resistência, o afroempreendedorismo

feminino contribui para que a mulher negra saia do lugar social da empregada doméstica que “(...) internaliza a subordinação e inferioridade (...)” (GONZALÉZ, p. 1982, p. 98), para que elas possam, literalmente, dar valor, tanto monetário quanto simbólico, em sua força de trabalho, contrariando o sistema hegemônico, pois “(...)a opressão forma as condições de resistência” (KILOMBA, 2019, p. 69).

Ainda parte do processo de transformação que o afroempreendedorismo contribui para que aconteça, além da formação educacional, criando uma consciência de classe, raça e gênero, passando pela mobilidade social, o ato de empreender para mulheres negras se torna uma prática curativa, pois, através da ótica do feminismo negro que coloca a mulher negra como centro do debate da opressão na sociedade, ele age “(...) impulsionando e visibilizando corpos, promovendo recuperação de identidades e reexistências” (SANTOS, 2019, p. 61). Quando as afroempreendedoras estão nesse processo de reconstrução, posso assim dizer, elas tem como objetivo movimentar a pirâmide social, na qual ocupam o lugar da base, pois quando estão alocadas neste lugar, significa que elas estão fora do lugar hegemônico, claro, que pela perspectiva do branco, afinal, “(...) no racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por esta razão, corpos que não podem pertencer” (KILOMBA, 2019, p. 56). Sendo assim, ao assumirem o papel de donas de seus empreendimentos, elas balançam aquilo que se estruturou por séculos como o correto, questionando hierarquias de poder e como o racismo estrutural, institucional e do cotidiano encaram essas mudanças de lugares. Assim, elas trabalham na construção de um espaço, mesmo que ainda utópico, onde podem escolher qual lugar querem estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Curitiba possui um pacto social que foi construído e legitimado por anos e anos de história. Dentro desse acordo, a população negra é colocada no lugar da invisibilidade, gerando mais força para que a identidade branca seja enaltecida e assim, a cidade possa continuar ostentando aquele velho apelido, já conhecido por todos, como “Europa Brasileira”. Mas a verdade é que Curitiba possui uma população negra engajada para tomar o seu espaço que é de direito, colocando em cheque esse padrão excludente.

O Instituto Afro-Brasil surge no “bum” da criação dos coletivos negros no Brasil. Aqui na cidade, temos relatos dos primeiros coletivos negros sendo fundados em meados dos anos 80. Sendo assim, o Instituto foi uma das primeiras organizações a começar o

trabalho de enfrentamento das burocracias estatais que contribuíram para a inviabilização dos direitos da comunidade negra local. Esses homens negros, fundadores, aproveitaram seus espaços de visibilidade e seus privilégios como homens, para serem ouvidos por outros homens, mesmo que brancos, conseguindo alcançar algumas oportunidades. O Instituto representa para o movimento negro local uma possibilidade de alcançar legitimidade enquanto cidadãos.

Com a passagem da organização para as mãos de Will e suas primas, mulheres negras, as dificuldades se mostram graças ao machismo e racismo juntos. Com o início da organização da feira, as burocracias se estabelecem com força, criando barreiras difíceis de serem ultrapassadas. O Estado exige muito mais dessas mulheres negras do que de outros feirantes, obviamente que essas negociações não são postas de formas evidentes, elas acontecem de maneira minuciosa, por dentro das entrelinhas dos discursos, ações e exigências. Mas mesmo assim elas resistem, criam uma nova lógica econômica, reexistem através das brechas que o mesmo sistema coloca como barreiras, elas se reinventam a partir do compartilhamento dos recursos encontrados no coletivo.

A cada edição da Feira Cultural e do Afroempreendedorismo me sentia fascinada com a forma que elas conseguiam criar uma grande família, que se inicia com os laços consanguíneos das famílias Reis e Amaral, mas que se estendem com o acolhimento dos afroempreendedores, empreendedores étnicos, visitantes, moradores das redondezas da praça, artistas, imigrantes africanos, integrantes do movimento negro que por ali passam e até com a pesquisadora que aqui vós fala. Os laços vão se estabelecendo aos poucos, o que eu não julgo, afinal, são tantos anos de violência e opressão, que é entendível que exista uma certa desconfiança no início, pois existem algumas pessoas que se apropriam daquele espaço com interesses, principalmente políticos.

Mesmo com as interferências de nomes que nunca trabalharam pela feira, pela praça ou pelos ideais do movimento negro local, elas continuam assumindo a responsabilidade, que não foi imposta em nenhum momento, mas sim, colocadas por elas mesmas, em lutar pela emancipação da população negra local. Longe de mim tratar o afroempreendedorismo com romantismo, eu já estive nesse lugar e confesso que não é fácil, mas é importante mostrar que existem outras possibilidades de existência no mundo. Além do ato de empreender, que gera outras transformações para essas mulheres, pois é possível identificar como essa atividade contribui para percepção racial, autoestima e valorização da força de trabalho, a feira também legitima outras manifestações da cultura e história negra. As apresentações culturais ultrapassam uma ação que foi tomada para

fazer com que os frequentadores permanecessem no local, se tornando uma fonte de propagação de conhecimento, criando espaços de debate para diversas gerações que passam por ali. Cada performance sempre vinha com a intenção de dialogar com os próximos e com os distantes, de comunicar para outros pretos sobre dores e formas de recriar existência, e gritar para os brancos o desejo de respeito e acesso aos direitos básicos que jamais deveriam ser privados de qualquer ser humano.

As peças e serviços ofertados ali ajudam a recriar um novo olhar sob os corpos negros e sua beleza. Eu, como designer de moda de formação, não pude deixar de observar com atenção todos os elementos estéticos que as peças possuíam e como isso reverbera na apresentação de todas as mulheres naquele espaço. Era muito interessante perceber como as diferentes gerações de mulheres que ali coabitam se construía e desconstruía, dialogando com os elementos do passado, presente e futuro, comunicando de forma não verbal suas lutas e a partir disso se identificando umas com as outras. Se criava assim um corpo político que assume seu espaço de fala, contando suas histórias de dentro, sem interlocução e interpretação de outros.

Todos esses elementos dizem respeito à formação de um novo ser mulher negra, sob uma ótica da decolonialidade e que contribui para o espaço de formação da etnicidade deste coletivo. Em cada edição da feira, esses posicionamentos são reforçados e novos símbolos são criados como parte da formação do que eles se atribuem sobre o ser negro. A partir desse lugar, essas mulheres que estão à frente da organização da feira se encontram na posição de enfrentar as burocracias do sistema, que prejudicam a ascensão da feira para que ela seja reconhecida como parte das feiras legitimadas da cidade, enquanto propósito de também ascensão da população negra por parte do empreendedorismo.

Referências:

AKOTIRENE. Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo. Editora Pólen. 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo. Editora Pólen. 2019.

AZEVEDO. Thales. **Elites de Cor: um estudo de ascensão social**. São Paulo. Companhia Editorial Nacional. 1955.

BARTH. Fredrik. **Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: O Guru, O Iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria. 2000.

BAQUERO. Rute Vivian Angelo. **Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual.** Revista Debates, Porto Alegre, V. 6, n 1, p. 173-187, jan.- abri./ 2012.

BATISTA. Paula Carolina. **O Quilombismo em Espaços Urbanos: 130 anos após abolição.** Revista Extrapresa, São Paulo, v. 12, n. esp., p.397-419, set. – 2019.

BERTH. Joice. **Empoderamento.** São Paulo. Editora Polén. 2019.

FERNANDES. Florestan. **O Negro no Mundos dos Brancos.** São Paulo. Editora Global, 2007.

FIGUEIREDO. Ângela. **Classe Média Negra: trajetórias e perfis.** Salvador. UFBA. 2012.

_____. Gênero: dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil. In.; Raça: Novas perspectivas antropológicas. Org.: PINHO. Osmundo Araújo. SANSONE. Livio. 2 ed. rev. Salvador. Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

CARNEIRO DA CUNHA. Manuela. **Etnicidade: da cultural residual mais irreduzível.** In.: Cultura com Aspas. São Paulo. Editora Cosac Naify. 2009.

CARVALHO. Tatiane Valéria Rogerio. **O Esquecimento das Marcas da Presença Negra em Curitiba.** Anais Eletrônicos – 1 Colóquio Museus e Arquivos: Lugares de Memória no/do Espaço Urbano. Unicentro/PR. 2016. P. 87-94.

COHEN. Abner. **O Homem Bidimensional.** São Paulo. Editora Zahar. 1978.

DÁVILA. Jerry. **Diploma de Brancura: política social e racial no Brasil – 1917- 1945.** São Paulo. Editora UNESP. 2006

DUMONT. Louis. **Casta, Racismo e “Estratificação”.** In.: *Homo Hierarchicus.* São Paulo. EDUSP, 2º ed., p. 303-316. 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher.** 1979. In: Por Um Feminismo Afro Latino Americano. Org.:

RIOS. Flávia. LIMA. Márcia. Rio de Janeiro. Zahar. 2020. P. 25-44.

_____. A Mulher Negra na Sociedade Brasileira: uma abordagem políticoeconômico. In: LUZ. Madel T. (org.). O Lugar da Mulher. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1982. P.87-104.

HERZFELD. Michael. **A Produção Social da Indiferença: explorando as raízes simbólicas da burocracia.** Tradução de Flávio Gordon. Petrópolis. Editora Vozes. 2016.

KILOMBA. Grada. **Memórias de uma Plantação: episódios de racismo cotidiano.** Tradução Jess Oliveira. Editora Cobogó. 1º Ed. Rio de Janeiro. 2019.

RIBEIRO. Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro?.** São Paulo. Companhia das Letras. 2018.

NASCIMENTO. Abdias. **O Quilombismo.** São Paulo. Editora Perspectiva. 2019.

SANCHES. Mário Antônio. **O negro em Curitiba: a invisibilidade cultural do visível.** 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995

SANSONE. Livio. **A Produção de uma Cultura Negra (Da cultura “creole” à subcultura negra. A nova etnicidade dos jovens “creoles” surinameses de classe baixa em Amsterdam).** Rio de Janeiro. Revista Estudos Afro-Asiáticos, (20): 121 – 134, junho – 1991.

SANTOS. Maria Angélica dos. **O Lado Negro do Empreendedorismo: afroempreendedorismo e movimento *black money*.** Belo Horizonte. Editora Letramento. 2019.

SCHWARTZ. Lilia K. Moritz. **Questão Racial e Etnicidade. São Paulo.** In: O Que Ler nas Ciências Sociais Brasileiras – Vol. 1 (1970-1995). ANPOCS, p. 267-327. 2012.

WEBER. Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. Téc. De Gabriel Cohn. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 2009.